Ailton Krenak

E A Crítica À Civilização Capitalista

Sumário

1.Introdução ..... pág. 1

2.Relação histórica com Portugal ..... pág. 2

3.Crítica à ideia de “civilização” ..... pág. 3

4.A destruição da natureza ..... pág. 4

5.Crítica ao progresso moderno ..... pág. 5

6.“Adiar o fim do mundo” ..... pág. 6

7.Crítica ao Estado e à integração indígena .... pág. 7

8.O desastre do Rio Doce ..... pág. 8

9.A Terra como organismo vivo ..... pág. 9

10.O valor do sonho e da espiritualidade ..... pág. 10

11.Responsabilidade com futuras gerações .... pág. 11

12.Perspectivismo indígena ..... pág. 12

13.Conclusão ..... pág. 13

Introdução

Ailton Krenak apresenta uma reflexão crítica sobre o modelo em que vivemos atualmente, que se baseia na exploração da natureza e do homem pelo homem, reunindo ideias nas quais ele discute a relação entre a humanidade, a natureza e a sociedade. Krenak utiliza a sua visão de mundo para questionar o que chamamos de progresso, desenvolvimento e civilização. Problematizando a forma como a sociedade moderna construiu um sistema baseado no consumo, na exploração da natureza e do homem pelo homem. Segundo Krenak, esse modelo tem provocado a destruição de habitats, a marginalização dos povos indígenas e uma crise ambiental que ameaça a fauna e a flora do nosso planeta.

Propondo uma reflexão a respeito de outras formas de compreender a existência humana e a nossa relação com a natureza, pois para os povos indígenas, a natureza não é apenas um conjunto de recursos a serem explorados, mas sim, um ser vivo com o qual os seres humanos mantêm uma relação de pertencimento e responsabilidade. Essa perspectiva desafia a visão dominante, que frequentemente separa o ser humano da natureza e a transforma em mercadoria.

Assim, o objetivo deste texto é analisar algumas das principais ideias apresentadas por Ailton Krenak no livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, destacando a sua crítica ao sistema capitalista e a sua reflexão a respeito da destruição da natureza e a sua proposta de repensar a forma como a humanidade se relaciona com o planeta e com as futuras gerações.

Relação histórica com Portugal

Nesta parte do texto, Ailton Krenak inicia a sua reflexão contando como foi à sua primeira viagem a Portugal, durante muito tempo, ele evitou visitar o país por razões históricas, pois segundo ele, Portugal representa o início do processo de colonização do Brasil, que trouxe sérias consequências para os povos indígenas, como a perda de territórios, a destruição de culturas e a violência contra os povos originários. Ele relata que chegou a recusar um convite para participar das comemorações dos quinhentos anos da chegada dos portugueses ao Brasil, pois para ele, isso poderia significar como uma comemoração da própria invasão ao território indígena.

Do ponto de vista dele, o chamado "descobrimento" do Brasil não foi um evento positivo, mas sim, o início de um processo de dominação colonial, e apesar dessa posição, ele não transforma isso em um conflito pessoal com os portugueses. Anos depois, ele aceitou um convite para participar de um evento cultural em Lisboa, onde também ocorreu uma conferência do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, nesse encontro, Krenak teve a oportunidade de dialogar com diferentes pessoas que estavam interessadas em temas relacionados aos povos indígenas, à cultura e à história.

Essa experiência mostra que, embora exista uma cicatriz marcada pela colonização, também é possível construir um diálogo e reflexão a respeito do passado e as suas consequências no presente. Ao abordar essa relação com Portugal, Krenak convida o leitor a repensar a maneira como certos acontecimentos são celebrados e considerar elas também uma perspectiva dos povos indígenas, que muitas das vezes foi ignorada.

Crítica à ideia de “civilização”

Nesta parte do texto, Ailton Krenak desenvolve uma crítica profunda ao conceito de “civilização” construído pelo ocidente, que segundo ele, ao longo da história, a ideia de civilização foi utilizada como uma forma de justificar a colonização e a dominação de diversos povos ao redor do mundo, especialmente os povos indígenas.

Para Krenak, esse discurso de humanidade civilizada e sub-humanidade parte da premissa de que existe apenas um modelo correto de sociedade, baseado nos valores da cultura europeia, no progresso tecnológico, na urbanização e na economia capitalista. Dessa forma, todos os povos que vivem de maneira diferente acabam sendo considerados “atrasados” e essa visão foi utilizada para legitimar a colonização, impondo novas formas de organização social e até mesmo a destruição de culturas tradicionais.

Krenak questiona essa lógica ao afirmar que a diversidade cultural não deve ser vista como um problema que precisa ser corrigido, pelo contrário, essa diversidade representa diferentes formas de conhecimento, que vai desde a relação com a natureza e até a forma como a sociedade se organiza.

Com isso, a crítica de Krenak não é apenas uma palavra vazia, mas sim, o uso ideológico desse conceito, pois para ele, o que muitas vezes é chamado de civilização está ligado ao processo de dominação e exploração da natureza e do homem pelo homem. Ao desafiar essa ideia, ele propõe que possamos repensar o significado de viver em sociedade, valorizando outros modos de vida que não se baseiam no lucro e na exploração da natureza.

A destruição da natureza

O Ailton Krenak discute como o sistema capitalista tem provocado uma intensa destruição da natureza, que para o autor, o modo de vida dominante, baseado na exploração e no consumo, transforma a Terra em uma simples fonte de matérias-primas destinada ao lucro.

Krenak critica a forma como a natureza passou a ser vista apenas como mercadoria, fazendo com que ela deixe de ser percebida como parte essencial da vida humana e passa a ser tratada como algo que pode ser explorado, contribuindo assim, para o desmatamento, a poluição dos rios, a perda da biodiversidade e etc.

Para os povos indígenas, a natureza não é separada do homem, pelo contrário, os seres humanos fazem parte dela, se baseando no respeito e no equilíbrio, e não na exploração. Ao refletir essa diferença, Krenak conclui que a crise ambiental atual é resultado direto da forma como a sociedade atual passou a se relacionar com o planeta, quando a natureza passou a ser reduzida a um mero objeto de uso econômico, perdendo a compreensão de que o ser humano depende da natureza.

Assim, ao abordar a destruição da natureza, ele não apenas denuncia os impactos ambientais provocados pelo sistema capitalista, mas também, convida o leitor a repensar a maneira como a humanidade se relaciona com o planeta, reconhecendo que a preservação ambiental é fundamental para a continuidade da vida humana.

Crítica ao progresso moderno

Ailton Krenak apresenta uma crítica à lógica de progresso que se consolidou no sistema capitalista, mostrando que ao longo dos anos, incluindo o avanço da industrialização e da tecnologia, criou-se a noção de que o crescimento econômico e tecnológico representa uma melhora na qualidade de vida das pessoas.

No entanto, ele questiona essa visão e aponta que o chamado progresso também trouxe diversas consequências negativas para o meio ambiente e para a qualidade de vida das pessoas. Segundo Krenak, o modelo dominante está fortemente ligado à produção em larga escala e ao consumo excessivo. Exigindo a exploração da natureza, causando assim, uma enorme perda de biodiversidade.

Além disso, Krenak argumenta que esse modelo de progresso não beneficia todo mundo, pois enquanto alguns grupos acumulam a riqueza, muitas comunidades, especificamente os povos indígenas, sofrem diretamente graves violações de direitos humanos, isso inclui a invasão de seus territórios por garimpo ilegal, grilagem e exploração madeireira, resultando em desmatamento e insegurança alimentar.

Dessa forma, ele propõe repensar o significado da palavra "progresso", em vez de associá-lo apenas ao crescimento econômico e ao avanço tecnológico, Krenak sugere que devemos considerar também o bem-estar coletivo, o equilíbrio ambiental e o respeito à diversidade cultural. Assim, a reflexão sobre o progresso moderno torna-se um convite para questionar os caminhos que a humanidade tem seguido e para imaginar formas de desenvolvimento que não se comprometam com o futuro do planeta.

“Adiar o fim do mundo”

Ailton Krenak apresenta a ideia de “adiar o fim do mundo” como uma reflexão sobre a forma como a humanidade tem se relacionado com a natureza, que para o autor, o chamado “fim do mundo” não é um evento literal, mas sim, como as diferentes formas de vida são ameaçadas pelo sistema capitalista.

Krenak critica a visão dominante de que coloca o ser humano como o centro de tudo, tratando a natureza apenas como um recurso a ser explorado, que segundo ele, essa lógica contribui para crises ambientais, sociais e culturais que colocam em risco a vida do nosso planeta. Assim, quando ele fala em “fim do mundo”, ele está se referindo ao esgotamento desse modelo, que é baseado no consumo e o seu foco no lucro.

A ideia de “adiar o fim do mundo” surge como um convite para repensar as nossas atitudes, isso envolve valorizar outros modos de vida que conseguem se relacionar com a natureza, algo que está presente nas culturas indígenas, que enxergam a Terra como um ser vivo e não apenas como um conjunto de recursos disponíveis para explorar ao máximo possível.

Dessa forma, “adiar o fim do mundo” significa buscar novas formas de viver em equilíbrio com o meio ambiente, respeitando os limites do planeta e reconhecendo a diversidade cultural e os ensinamentos que estão presentes nas culturas indígenas. Que ao ampliar a nossa forma de pensar e de agir, seria possível construir um novo caminho, um caminho que permita a continuidade da vida do nosso planeta.

Crítica ao Estado e à “integração” dos povos indígenas

Ailton Krenak também faz uma crítica à forma como o Estado tratou os povos indígenas ao longo da história, que durante muito tempo, defendiam a ideia de que os indígenas deveriam ser “integrados” à sociedade. Na prática, isso significava que eles deveriam abandonar a sua cultura para viver de acordo com o modelo dominante, que no caso, seria o sistema capitalista.

Para Krenak, essa ideia de integração nunca foi algo positivo para os povos indígenas, que na maioria das vezes, ela serviu como justificativa para expulsar os povos indígenas de suas terras, apagar a cultura deles e forçá-los a se adaptar a um sistema que não respeita as suas tradições. Ele mostra que os povos indígenas possuem a sua própria forma de se organizar com a natureza.

Ao longo da história, o Estado burguês ignorou essas culturas e considerou elas como atrasadas ou até mesmo inferiores. Essa visão acabou apagando boa parte da diversidade cultural existente no país. Krenak defende a ideia de que os povos indígenas não precisam ser “integrados” na sociedade capitalista, pelo contrário, eles têm todo o direito de continuar existindo de acordo com os seus próprios métodos, mantendo a sua cultura e a forma como se relacionam com a natureza. Assim, Krenak mostra a importância de respeitar a diversidade dos povos e reconhecer que existem diferentes maneiras de viver e de se relacionar com o mundo.

O desastre do Rio Doce

Ao discutir essa relação entre a sociedade e a natureza, Ailton Krenak também menciona o desastre que ocorreu em Rio Doce, provocado pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora em 2015. Esse evento ficou marcado como um dos maiores desastres ambientais da história do Brasil e atingiu diversas cidades e comunidades ao longo do rio, afetando drasticamente a vida das pessoas que moravam nessa região.

Para Krenak, o desastre representa um exemplo claro de como o sistema capitalista trata a natureza apenas como um recurso a ser explorado. O foco constante no lucro, levando as empresas a utilizarem os recursos naturais de forma intensiva, muitas vezes, ignorando os riscos ambientais da região.

Do ponto de vista materialista, esse acontecimento pode ser entendido como resultado das relações de produção presentes na sociedade capitalista. Onde grandes empresas de mineração atuam dentro de um sistema que prioriza a extração de recursos naturais para gerar lucro e acumulação de capital. Nesse contexto, medidas de segurança e proteção ambiental muitas vezes são ignoradas, tratadas como custos que podem reduzir o lucro.

Assim, o desastre do Rio Doce não deve ser visto apenas como um caso isolado, mas sim, como consequência de um modelo econômico baseado na exploração e no consumo intensivo. Revelando como as decisões econômicas do sistema capitalista, podem gerar impactos profundos na sociedade em que vivemos. Nesse sentido, a análise materialista aponta que evitar desastres semelhantes no futuro não depende apenas de mudanças na forma como enxergamos a natureza, mas também, numa mudança estrutural no país.

A Terra como organismo vivo

Ailton Krenak apresenta a ideia de que a natureza pode ser entendida como um ser vivo, pois segundo ele, muitos povos indígenas não enxergam o ser humano como alguém que está separado da natureza, mas sim, como parte dela.

Dessa forma, os rios, as florestas e as montanhas não seriam tratadas apenas como meros recursos disponíveis para o uso humano, mas sim, como um elemento essencial para manter o equilíbrio na terra.
Essa visão funciona também como uma crítica à sociedade capitalista que passou a tratar a natureza como matéria-prima para lucrar ainda mais. Quando a natureza é reduzida apenas a um conjunto de recursos disponíveis, torna-se mais fácil justificar práticas que levam ao esgotamento de recursos naturais e à degradação ambiental.

Por outro lado, partindo de uma perspectiva materialista, essa crise está ligada à forma que o sistema capitalista se organiza, incentivando a exploração intensa dos recursos naturais com o foco no lucro. Fazendo com que assim, uma análise materialista tendo que direcionar essa discussão mais para a sua estrutura que tem como base, o foco no lucro e no consumo exagerado.

O valor do sonho e da espiritualidade

No momento de sua reflexão, ele fala sobre a importância do sonho e da espiritualidade na forma como muitos povos indígenas compreendem o mundo, pois segundo ele, os sonhos não são apenas experiências individuais durante o sono, mas também, uma forma de orientar a nossa vida, ajudando as comunidades a refletirem sobre as decisões, os caminhos e a forma como nos relacionamos com a natureza.

Krenak argumenta que a sociedade capitalista acabou se afastando desse tipo de experiência, e que o ritmo acelerado da produção e do consumo fazem com que muitas pessoas deixem o lado simbólico, cultural e espiritual da vida. Nesse sentido, ele sugere que recuperar essa perspectiva poderia ajudar a humanidade a construir uma relação mais equilibrada com a natureza.

Partindo de uma perspectiva materialista, isso deve ser visto com uma enorme cautela, pois o materialismo entende que as ideias, as crenças e as práticas espirituais surgem a partir das condições materiais em que o indivíduo vive, ou seja, sonhos e interpretações espirituais não seriam uma forma de organizar a realidade por si mesmas, mas sim, expressões culturais que refletem as formas de vida de determinados grupos.

Embora a valorização dos sonhos e da espiritualidade possa ter uma certa importância cultural para algumas comunidades, o materialismo tende a buscar explicações concretas das relações de produção que existem na sociedade capitalista, conforme as condições materiais que o indivíduo vive.

Assim, o debate proposto por Krenak pode ser visto como uma crítica ao sistema capitalista, mas do ponto de vista materialista, é necessário uma mudança estrutural para resolver as contradições do sistema capitalista.

Responsabilidade com as futuras gerações

Outro ponto importante nas reflexões de Ailton Krenak é a ideia da responsabilidade com as futuras gerações. Ele chama a atenção para o fato de que muitas decisões tomadas pelo sistema capitalista acabam afetando profundamente o futuro do planeta e das próximas gerações que vem a seguir.

Krenak critica a forma como a sociedade capitalista organiza a sua economia e a sua relação com a natureza, muitas das vezes priorizando o lucro sem considerar as consequências que vem a seguir, com a exploração de recursos naturais, a destruição da fauna e flora sendo um dos maiores exemplos de impactos ambientais duradouros.

Krenak explica que diferentes povos indígenas possuem uma visão de mundo que valoriza mais a natureza e a continuidade da vida ao longo do tempo. Onde as decisões são pensadas não apenas no presente, mas também nas próximas gerações que ainda virão.

Perspectivismo indígena

Outro conceito presente nas reflexões de Ailton Krenak é a ideia de que existem diferentes maneiras de compreender o mundo. Que para muitos, a realidade não parte de uma perspectiva capitalista que se encontra hoje, mas sim, uma onde há um equilíbrio na relação entre o ser humano e a natureza.

Essa forma é frequentemente associada ao que alguns estudiosos chamam de perspectivismo indígena, que procura mostrar que cada indivíduo pode ter o seu próprio jeito de viver e se relacionar com a natureza. Essa visão busca romper com a ideia de que o ser humano está separado da natureza.

Krenak utiliza esse tipo de reflexão para criticar a visão capitalista que coloca o ser humano como centro. Que segundo ele, reconhecer que existem outras formas de ver o mundo pode ajudar a construir uma sociedade mais equilibrada com a natureza.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, foram apresentadas algumas das principais reflexões de Ailton Krenak sobre a sociedade capitalista, a forma que o ser humano se relaciona com a natureza e o impacto que o sistema capitalista causa ao meio ambiente. As suas críticas abordam problemas reais do nosso país, como a destruição de florestas, exploração de recursos naturais e a forma como o sistema capitalista ignora os limites do nosso planeta, tendo a sua lógica focada no lucro.

Krenak também destaca a importância de reconhecer outras formas de observar e analisar o mundo, e isso inclui aquelas que estão presentes nas culturas indígenas, mostrando que dá pra ter um sistema justo que possa superar as contradições que existem dentro da sociedade capitalista.

Ao analisar essas ideias, partindo de uma perspectiva materialista, é possível ver que muitos dos problemas não surgem apenas de uma forma de pensar e enxergar o mundo, mas sim, das condições materiais em que a sociedade está organizada, das relações de produção, da forma como funciona a economia que têm um papel central na maneira como a natureza é explorada.

Embora as críticas de Krenak sejam válidas, é necessário uma análise materialista para não só compreender esses problemas, mas também entender que as mudanças mais profundas também dependem de uma mudança estrutural. Assim, essas diferentes perspectivas podem ajudar a aprofundar e compreender os desafios enfrentados pela sociedade capitalista, buscando construir uma sociedade mais equilibrada que consegue se relacionar com a natureza.